http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/reneguenon.htm

O homem e a sua lanterna

RENÉ GUÉNON

O MESTRE DA TRADIÇÃO CONTRA O REINO DA DETURPAÇÃO

Olavo de Carvalho [1]

Revista *Planeta*, # 107, agosto de 1981

No começo do século a obra de Guénon sacudia os alicerces da cultura ocidental, movendo um ataque maciço à ciência e filosofia modernas, em nome da Tradição — a corrente de ensinamento metafísico da qual nasceram todas as religiões e formas espirituais do mundo. No próprio Oriente, depósito intocado da Tradição, Guénon foi reconhecido como "o grande sufi" (na opinião de Râmana Maharshi), "venerável lama do Ocidente" (segundo a fraternidade budista que editou a tradução de seus livros). Mas, no Brasil, seu trabalho é ainda praticamente desconhecido.

É estranho que, nos ambientes e nos debates “espiritualistas”, no Brasil, quase nunca se escute pronunciar o nome de René Guénon. No entanto, basta um primeiro contato com esse autor para verificar que nenhuma abordagem de assuntos esotéricos ou simplesmente religiosos, no século vinte, pode ter qualquer pretensão à seriedade sem ter passado por um confronto com a sua obra.

Claro, essa obra tem caracteres tão especiais que a dificuldade de classificá-la – e portanto de entender suas verdadeiras intenções – pode afastar mesmo os mais honestos leitores.

No entanto, já passou o tempo em que Guénon constituía uma solitária exceção, um baluarte do pensamento tradicional resistindo, isolado, às tormentas de um Ocidente moderno que já falava outra língua e não queria entender a sua. Se Guénon não deixou discípulos, inaugurou, no entanto, e fecundou com sua influência espiritual, toda uma atmosfera intelectual onde floresceram (para nos atermos ao aspecto puramente quantitativo dessa influência, aspecto que num espírito verdadeiramente guénoniano seria o último e mais desprezível) dezenas de estudiosos de ciências tradicionais, livros da melhor qualidade sobre as formas esotéricas das múltiplas tradições espirituais, congressos e debates, e pelo menos duas revistas especializadas: *Études Traditionelles*, na França, e *Studies in the Comparative Religion*, na Inglaterra.

Retrato de René Guénon, executado por Pierre Laffilée.

Por isso talvez seja mais fácil hoje em dia falar dele, embora, na miséria intelectual brasileira, essa facilidade criada pela difusão da sua obra em todo o mundo seja mais do que relativa.

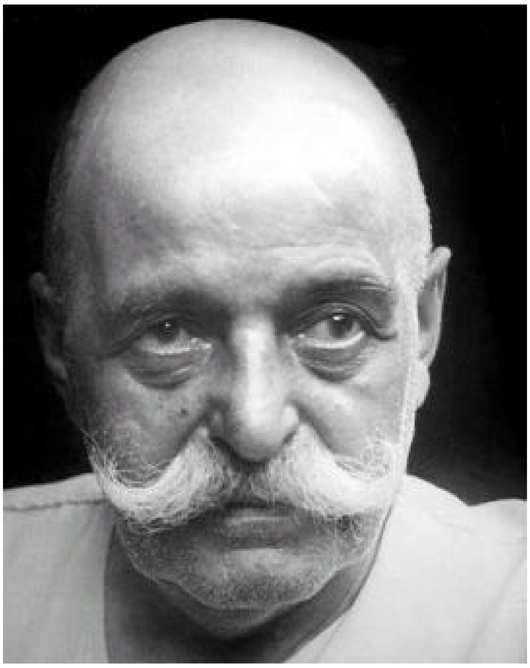
Simples e rijo,
como um diamante

O mais surpreendente na obra de Guénon é que ela não se apresenta como um pensamento pessoal, que pudéssemos comparar com as demais correntes e pensamentos do nosso tempo, mas como uma simples transcrição, impessoal e desinteressada, da Verdade eterna e imutável, una e contínua, que sob, formas variadas na aparência, se expressa nas tradições espirituais de todos os povos e lugares desde que o mundo é mundo.

O contraste é chocante para o leitor: de um lado, a humildade de quem não tem nenhuma pretensão a ser original numa época onde esta parece ser a preocupação maior de cada intelectual, e que não apenas reconhece como enfatiza seu débito para com tradições de ensino várias vezes milenares; de outro lado, a arrogância intolerável de que, não expondo uma simples opinião ou hipótese, mas nada menos que *a* Verdade, exige mais do que um primeiro assentimento: exige a submissão integral.

Essa primeira impressão, por desagradável que seja, parece-me antes útil do que prejudicial à compreensão dos textos, com a condição, entretanto, de que nenhum dos termos venha mais tarde a ser esquecido, isto é, de que movido por uma reação emocional qualquer, o leitor não venha a enfatizar nem a impessoalidade humilde do homem, nem a rigidez dogmática dos textos, pois são termos que se complementam e se explicam solidariamente. Esquecidos disso, os inimigos de Guénon embriagaram-se em especulações sobre o seu "orgulho intelectual", o que seria legítimo somente no caso de ele alegar a posse *pessoal* da Verdade e assumir a defesa da *sua* doutrina, coisa que ele jamais fez.

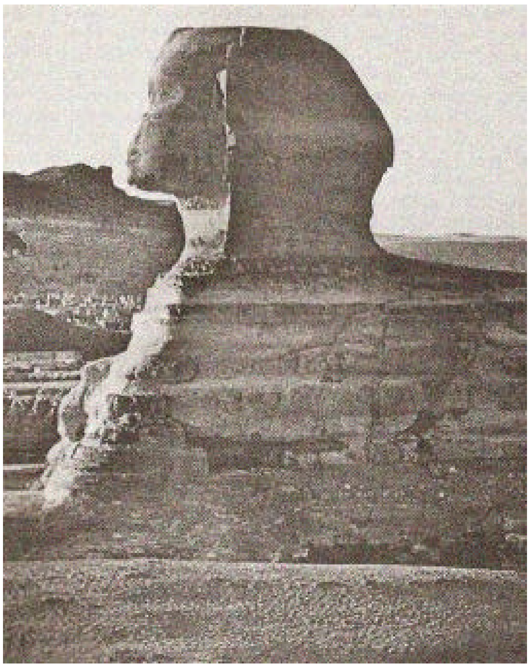
René-Marie Joseph Guénon nasceu em Blois, França a 15 de novembro de 1886. O nome traz a marca da devoção ancestral à Virgem e a S. José, e a família, constituída de viticultores, era de uma região que produz alguns dos melhores vinhos da França. O personagem, entretanto, terminará a vida no Cairo, casado com a filha de um xeque e tendo adotado todos os costumes muçulmanos (inclusive a proibição de tomar vinho), após ter-se tornado famoso como expositor de doutrinas hindus e ter acabado de editar seu último e grande livro, *A Grande Tríade*, sobre a doutrina taoísta.



George Ivanovich Gurdjieff: como Guénon, um ocultista muito respeitado.

Trânsito livre em todas as escolas

A vida de certo modo, personifica a "unidade transcendente das religiões" (título de um livro de F. Schuon), pois se há algo que caracteriza o esforço guénoniano como um todo é a defesa de uma Tradição, de uma Verdade única que, no plano da doutrina metafísica, estabelece a unidade de todas as manifestações espirituais particulares, de todas as épocas e culturas. Nesse sentido ele pôde, por exemplo, tornar-se muçulmano enquanto declarava a superioridade da tradição hinduísta (mais próxima, segundo ele, da Tradição primordial), e defender as doutrinas orientais enquanto propunha que, para o Ocidente, só havia um caminho legítimo, o retorno à Igreja Católica.



Aqui no Egito, Guénon resolveu adotar o nome de Abdel-Wâhed Yahia.

Note-se que essa possibilidade de transitar livremente de uma Tradição a outra é, hoje como sempre, apanágio exclusivo dos grandes Mestres espirituais, que só conseguem fazê-lo por ter absorvido integralmente a ortodoxia de cada tradição, nada tendo isso a ver com certas "misturas" e "sincretismos" os quais, no século passado, propuseram uma "religião universal" que não era mais do que uma pasta que fundia e descaracterizava todas as tradições particulares, sem lograr com isso nenhuma unidade verdadeira.

A vida de Guénon pode ser resumida em poucas linhas. Após estudos primários e secundários brilhantes, perturbados apenas pela saúde instável, fez o curso superior de matemática, durante o qual aproximou-se de grupos de estudos ocultistas, liderados pelo famoso Papus. Não demorou a desligar-se deles, por perceber a inconsistência de suas doutrinas e a ausência de qualquer vínculo verdadeiro com uma Tradição inicial. Teve, em seguida, a felicidade de ligar-se a fontes legítimas das tradições espirituais orientais, em particular a hindu, a taoísta e a islâmica (sufismo), das quais seus livros representaram e representam, até hoje, a primeira e melhor exposição em língua ocidental.

Contra o ocultismo
e o materialismo

A luta de Guénon pela difusão da Tradição primordial no Ocidente tinha em vista o mesmo objetivo contemporaneamente propugnado, no Oriente, pelo grande mestre islâmico Ahmed El-Alawi, descendente do profeta Maomé: estabelecer uma frente única de todas as tradições espirituais ortodoxas contra os dois inimigos comuns: o materialismo e o ocultismo. Tais esforços não objetivavam uma influência direta nem na cultura nem na sociedade, mas apenas atingir um certo número de pessoas, especialmente qualificadas, que conservando o conhecimento da Tradição, pudessem servir de ponte para a construção de um novo mundo após a liquidação final do presente ciclo histórico, que todas as tradições mundiais (da China aos indígenas americanos) assinalam para o nosso tempo.

Evidentemente, tais esforços chocaram-se contra todas as tendências de dispersão e fragmentação, as quais, buscando cada qual sua afirmação individual, rejeitavam toda tentativa de união sob a égide de uma Tradição primordial comum. Assim, Guénon conseguiu, de modo simultâneo, fazer adeptos e despertar consciência dentro de cada uma das tradições existentes (no catolicismo, alguns de seus livros foram publicados com o *nihil obstat* cardinalício, e no Oriente ele é hoje reconhecido como um grande renovador dos estudos islâmicos e hinduístas), como também, em contrapartida, conseguiu ganhar a inimizade, freqüentemente feroz, de alguns representantes dessas mesmas tradições, que preferiam insistir na superioridade dos seus pontos de vista particulares contra a raiz comum da espiritualidade humana. Isso, no que diz respeito aos representantes de tradições *legítimas*, como o acatolicismo e o islamismo. Quanto aos adeptos de correntes ocultistas de improviso, bastante disseminadas no nosso tempo, estes voltaram-se contra eles das maneiras mais desleais e violentas. Houve inclusive tentativas de fazer seus livros desaparecerem do mercado, e ameaças diretas a seus editores.

Tudo isso acaba por levá-lo a uma situação de quase total isolamento no panorama cultural europeu. Na década de 30 ele parte para o Egito, onde, acredita, os traços vivos de uma civilização tradicional lhe permitiriam viver segundo os princípios que foram a base da sua vida e da sua obra, sem defrontar-se com os obstáculos que a civilização moderna lhe opõe.

O difícil caminho em busca da coerência

No Egito, Guénon adota o nome árabe Abdel-Wâhed Yahia ("João, servidor d'O Único") e casa-se com a filha de um xeque (mestre espiritual), com a qual veio a ter quatro filhos. Nesse período continuou escrevendo artigos, em árabe e em francês datando daí alguns de seus trabalhos mais importantes, como *Le Règne da la Quantité*. Respeitado e temido, ele raramente foi e raramente é lido de maneira compreensiva, responsável e "desde dentro". Uma idéia da temerosa distância que dele manteve a intelectualidade européia do seu tempo é dada pela reação de André Gide: "Se Guénon tem razão, então toda a minha obra cai por terra." Quando lhe perguntaram por que, então, não reformava suas posições. Gide confessou: "O que Guénon diz é irrefutável, mas eu já estou velho demais para recomeçar."

Longe da hostilidade européia, Guénon morreu no Cairo, na lua nova de 7 de janeiro de 1951. Suas últimas palavras, ditas à esposa Fatma na manhã desse dia, foram:

— *Não te inquietes. Eu não te deixarei. Vós não me vereis, mas eu estarei aqui, e eu vos verei. Agora, quando uma das crianças não é sensata – seja a pequena Khadidja, de tranças castanhas, ou Leila, a menorzinha, loirinha de olhos azuis, ou o pequeno Ahmed, que não tem dois anos –, a mãe lhe diz: "Como ousas chorar sob o olhar de teu pai?" E a criança se cala em presença do Invisível.*

Essa foi sua última frase, mas não sua última palavra. No instante derradeiro, Guénon disse claramente: "Allah!" ("Deus!")

No entanto, a declaração à esposa parece altamente significativa, e só a má-vontade de seus críticos e biógrafos justifica que não a tenham levado em conta para explicar algo do comportamento externo de Guénon. Proferida *in articulo mortis*, por que não poderia ser tomada como uma derradeira reafirmação dos princípios que, tendo orientado sua vida, deveriam servir também para nortear a família após a perda do pai, e os amigos e admiradores após a morte do mestre? Por que não poderíamos considerar o próprio Guénon como a criança que, por respeito ao Invisível, reprime a expressão da pura emoção pessoal e se anula como indivíduo, para não macular a realização suprema da entrega ao Absoluto?

Nesse sentido, não se entende como até um crítico compreensivo como Paul Sérant (*René Guénon*, Paris, Le Courrier du Livre, 1977) tenha julgado que "ao homem, como à obra, faltava sem dúvida alguma coisa. Que coisa? Talvez esse privilégio que consagra a vitória do Espírito... esse privilégio ao qual a tradição ocidental deu, de uma vez para sempre, o nome de *santidade*."

Pois talvez não haja outra palavra para caracterizá-lo, senão a de Rama Maharshi, para quem Guénon era “the great Sufi”. Râmana, a quem ninguém negará a condição de santo, usava a linguagem da Tradição, e nesta, o termo *sufi* não é empregado para designar aquele que tenha qualquer ligação em qualquer nível com uma certa corrente esotérica, mas unicamente aquele que alcançou o supremo grau da realização espiritual, conhecido na Tradição hindu como a União ou a Libertação.

Não estou canonizando Guénon por conta própria, mas uma vida que, em recompensa da anulação do indivíduo a serviço da Verdade, encontra apenas a incompreensão, a perseguição e, para cúmulo, a acusação de orgulho, coroa-se de uma certa aura que impõe silêncio e respeito, mesmo a seus adversários.

Combate ao espírito de negação e revolta

Se a vida tem a simplicidade linear daquele que “serve a um único Senhor”, a obra, apesar da imensa variedade de temas, enfoques e níveis de abordagem, tem no entanto uma estrutura igualmente simples. Toda ela articula-se em torno de dois temas básicos: *ensinar* a Verdade, *combater* o erro.

A Verdade é o núcleo de princípios metafísicos, eternos e imutáveis, o qual permanece intacto através das múltiplas e diferentes tradições espirituais que, com símbolos, ritos e expressões diversas, constituem apenas os vários órgãos do corpo histórico de uma Tradição supra-histórica. Essa Tradição tem por origem o Absoluto mesmo, e como meta a conservação da unidade e da verdade -- através da multiplicidade da história humana.

O erro é a pretensão de cada parte no sentido de construir por si mesma o Todo, e a ambição de cada verdade relativa no sentido de tornar-se por si mesma o Absoluto. O erro tanto pode provir de uma forma religiosa qualquer que, esquecendo sua origem na Tradição comum, se erige arbitrariamente em norma e parâmetro de todas as outras, quanto de uma civilização em particular que, não reconhecendo seus limites, impõe seus próprios símbolos e regras a homens de outra constituição psíquica e espiritual, ou ainda, o que é pior de tudo, pode provir de um simples indivíduo que absolutize suas próprias teorias e suas preferências pessoais.

Reunião da Ordem da Estrela do Oriente: Besant, Krishnamurti. Coerente?

Talvez a amostra mais contundente da coerência da obra guénoniana seja o fato de que, no seu primeiro artigo, publicado em 1909 ("O Demiurgo"), Guénon já tenha definido, de maneira taxativa, tanto sua posição quanto a do adversário: daí até sua morte, em 1951, Guénon permanecerá, sem nenhuma alteração doutrinárias o defensor da Unidade contra "o espírito de negação e de revolta" da parte contra o todo e do relativo contra o Absoluto, o qual espírito, personificado, recebe nas tradições semíticas o nome de Shatan, Shaitan ou Satã, termos que querem dizer, precisamente, "o Adversário".

Como, num plano de totalidade metafísica, o adversário não tem nenhuma realidade, mas se revolve apenas numa visão parcial que aspira a ser total, o trabalho do defensor da Unidade consistirá precisamente em jamais descer ao nível de particularidade, que o poria à mercê do inimigo, mas ater-se ao plano da Doutrina metafísica, e reabsorver nele todos os golpes e ameaças, restituindo-lhes a fisionomia que de direito lhes pertence: a fisionomia do nada.

Assim, por exemplo, ao combater o "moralismo" sentimental e religioso dos ocidentais – que os impede de compreender as doutrinas metafísicas orientais no seu devido plano – ele não o ataca: anula-o, mostrando como representa apenas um reflexo longínquo, parcial e limitado das mesmas verdades metafísicas contra as quais esse moralismo se volta.

“Potente renovador dos estudos econômicos”

Foi o que ele fez, ao mostrar aos arautos da “civilização cristã ocidental” que os “preceitos éticos”, em nome dos quais pretendiam civilizar o Oriente “bárbaro”, não eram senão o eco histórico distante de velhíssimas doutrinas orientais, cujo sentido intelectual se perdera no Ocidente, deixando apenas um ranço sentimental substitutivo.

Assim ele fez, também, com a moderna ciência ocidental, ao mostrar que muitas de suas teorias não passam de velhas verdades metafísicas mal compreendidas e distorcidas pelo tempo. Por exemplo, ao mostrar que o sistema de numeração binária, – que seu inventor, Leibniz, pretendia constituir a chave (finalmente descoberta!) dos hexagramas chineses do *I Ching* – não passava de um aspecto secundário e contingente dentro de um texto sagrado cujas verdadeiras dimensões nem Leibniz nem todos os seus contemporâneos ocidentais estavam em condições de imaginar.

Tal ele fez também ao mostrar como o atual “progresso econômico” do qual o Ocidente se orgulha, e em nome do qual invade, saqueia e descaracteriza outras civilizações, não passa de um processo de *quantificação crescente*, que os antigos textos védicos já previam, milênios atrás, como o auge da desqualificação e da decadência.

Guénon conhece, compreende e exalta cada tradição em particular, incluindo as religiões, e às vezes as expõe com uma retidão tanto ou mais “ortodoxa” do que conseguiriam seus representantes “oficiais”. Mas, tão logo o representante de uma religião ou de uma corrente esotérica pretendesse realçar sua “superioridade” perante as demais, Guénon virava o disco, para mostrar a dependência dessa corrente específica em relação à Tradição primordial.

Por isso, entre os representantes tanto das religiões quanto das sociedades esotéricas, Guénon só obteve o apoio, velado ou declarado, dos homens de inteligência mais universal, capazes de sobrepor o “espírito, que vivifica”, à “letra que mata”. Sua obra surge, assim, como um divisor de águas, e por isso foi possível vê-lo, ora discutindo com os representantes do oficialismo religioso (um Maritain, por exemplo), em nome da Tradição, ora reconvertendo cristãos,

muçulmanos ou judeus modernizados, às suas tradições de origem. No Islã, onde terminou seus dias ignorado pela maioria dos representantes da religião oficial, ele é hoje reconhecido como um potente renovador dos estudos islâmicos. Mas pode-se dizer que os cristãos ainda não reconheceram sua imensa dívida para com uma obra capaz, por si só, de dissolver *todas* as objeções do mais empedernido "materialista científico" e devolvê-lo à Igreja de Cristo, por uma força intelectual superior a toda confusão dialética do ateísmo moderno.

Toques para uma leitura de Guénon

Em torno desses dois temas – verdade e erro –, Guénon estruturou seus textos em sete variações básicas, que convém ao leitor ter em mente ao consultar os dezessete volumes de sua obra publicada em vida, bem como os onze volumes de obras póstumas:

1º) O *combate aos erros modernos*, que é a parte mais facilmente acessível de sua obra, por estar mais próxima das preocupações do intelectual de hoje, dividida em três setores:

a) Crítica da cultura, da história e da sociedade. Nesta parte Guénon desfaz muitos mitos modernos, como o do progresso material, o da liberdade civil, o do individualismo, o do Ocidente. Tratam deste assunto livros como *Oriente e Ocidente*, *A Crise do Mundo Moderno* e, principalmente, *O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos*;

b) Crítica da ciência e da filosofia modernas. Nesta parte Guénon demonstra a inconsistência intelectual das principais tendências do pensamento moderno, como o racionalismo, o historicismo, o pragmatismo, etc. Por exemplo: *Princípios do Cálculo Infinitesimal* (1946);

c) Crítica da pseudo-espiritualidade. A maior parte das correntes pretensamente esotéricas da atualidade derivam da decomposição e do desvio de correntes tradicionais e, quando não resultam da ignorância pura e simples, emanam de uma tendência deliberadamente contra-iniciática. Por exemplo: *L'Erreur Spirite* (1973); *Le Theosophisme* (1921).

2º A *exposição da doutrina tradicional*, que é a parte essencial (da qual a anterior representa apenas o reflexo inverso), abrange quatro preocupações básicas:

a) A exposição pura e simples da doutrina tradicional em si mesma, independentemente das suas várias expressões particulares. Por exemplo: *O Simbolismo da Cruz* (1931); *Os Estados Múltiplos do Ser* (1932);

b) A afirmação da existência histórica da transmissão iniciática que caracteriza a Tradição única, ou seja, a demonstração da unidade da Tradição por cima das tradições. Por exemplo: *O Rei do Mundo* (1927);

c) Estudos específicos sobre esta ou aquela tradição tomada em particular (sem excluir, é claro, comparações com outras tradições). Por exemplo: *A Grande Tríade* (1946), sobre a tradição chinesa; *O Esoterismo de Dante* (1975), sobre a tradição cristã;

d) Estudos particularizados sobre os símbolos, que são um meio básico de transmissão do ensinamento tradicional. Os estudos nesse sentido estão disseminados por toda a obra guénoniana, sobretudo em seus artigos de revistas, muitos dos quais foram reunidos no livro *Símbolos da Ciência Sagrada* (1962).

Muitos dos seus textos participam de vários desses temas ao mesmo tempo, e a mais notável síntese de muitos planos de abordagem, a meu ver, é *O Reino da Quantidade*, onde todos os temas se interpenetram em cada capítulo, de maneira majestosamente sinfônica, enquanto em *A Metafísica Oriental*, por exemplo, apura e simples exposição da doutrina oculta, nas entrelinhas de um discurso dos mais sóbrios e serenos, as mais explosivas condenações ao mundo moderno.

Quero dizer que essa estruturação é apenas uma das muitas possíveis para uma obra tremendamente complexa, mas que ela basta para situar o leitor.

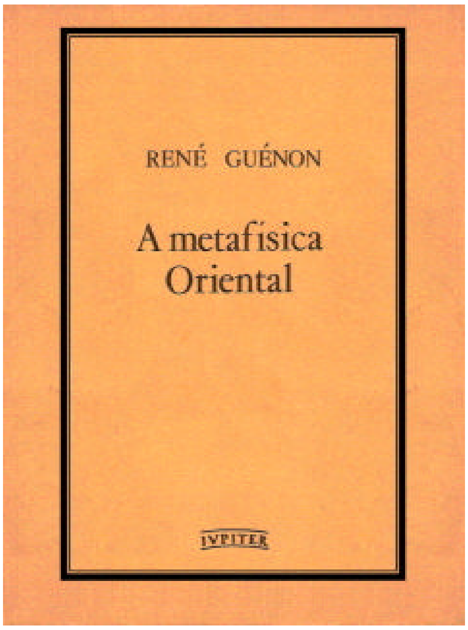
A obra de Guénon exige, naturalmente, certos cuidados de quem vai abordá-la, pois ela reverte de alto a baixo todas as nossas noções sobre a história, a cultura, os valores e a verdade. Retirando-nos de um mundo de hipóteses e teorias vagas, ela nos remete ao coração vivo da Verdade, e por isso, segundo diz meu professor Michel Veber (que estudou sob a orientação pessoal de Guénon), essa obra pode constituir-se, ela mesma, no centro da vida de quem se dispõe a estudá-la.

O QUE HÁ PARA SE LER

Em português: *A Crise do Mundo Moderno* (Lisboa, Veja, 1977); *O Esoterismo de Dante*, seguido de *São Bernardo* (Lisboa, Veja, 1978); *O Rei do Mundo* (Lisboa, Mineva, 2ª edição, 1978); *A Metafísica Oriental*, edição comentada por Michel Veber (São Paulo, Escola Júpiter, 1981).

Das edições portuguesas, a tradução de *O Rei do Mundo* deixa a desejar. A única edição brasileira é de *A Metafísica Oriental*, mas em tiragem reuzida, fora do mercado, só podendo ser obtida diretamente na Escola Júpiter, ao preço de Cr$350. (Pessoas de outros Estados interessadas em adquiri-lo devem remeter cheque de Cr$400, já incluídas despesas de reembolso postal, em nome de Escola Júpiter – Promoções e Comércio Ltda., Rua Raggio Nóbrega, 40, Jardim Paulistano, São Paulo, SP, 01441.)

No original francês, as obras de René Guénon, editadas em parte pela Gallimard, em parte pelas Éditions Veja, podem ser adquiridas nas livrarias Horus, Fretin ou Zipak, em São Paulo.



[1] **O AUTOR** Olavo de Carvalho traduziu para o português a única obra de Guénon até hoje editada no Brasil (*A Metafísica Oriental*, São Paulo, Edições Júpiter, 1981). Olavo, jornalista e astrólogo, é ainda diretor da Escola Júpiter, onde também se realizou, no mês de abril, o

primeiro curso sobre a obra de Guénon dado no Brasil, cujo expositor foi Michel Veber, artista plástico e professor de artes marciais, que estudou sob a orientação pessoal do próprio Guénon.

http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli3.htm

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

Esse menino, Felipe Coelho, andou freqüentando meus cursos e ali cumpriu seu papel de alcoviteiro a serviço de seu guru Orlando Fedeli, acreditando que com isto alcançaria a salvação da alma. Por isto julguei conveniente publicar aqui mais esta sua fofoca eletrônica, distribuída em 15 de julho de 2001 a seus ex-colegas do *Seminário de Filosofia*. Não imagine o leitor que o signatário entre na peleja como alguém que, tendo-a observado de longe e com neutralidade, finalmente toma partido. Se fosse isso, sua opinião poderia até valer alguma coisa, e essa é a impressão que ele talvez procure dar aqui, mas desde o início este garoto foi o principal instrumento de ação do sr. Fedeli, tendo na sua folha de serviços alguns notáveis feitos de difamação bem conhecidos de seus ex-colegas. Sem grave imprecisão ele poderia até declarar: "*Orlando Fedeli, c'est moi*." Esta mensagem, de fato, não é a primeira. É apenas a seqüência do renitente assédio de *e-mails* com que os agentes do sr. Fedeli cercam meus alunos, a mando dele, no intuito declarado de tirá-los do *Seminário de Filosofia* e levá-los àquilo que ele imagina ser o céu. O empreendimento não obteve grande êxito, pois só foram para os braços do sr. Fedeli os dois ou três que tinham vindo de lá. Durante um tempo representaram o papel de meus alunos só para depois poderem encenar uma "ruptura" escandalosa. No ambiente de cursos livres, em São Paulo, "operações" desse tipo são coisa endêmica, mas, por mais que as veja repetir-se desde a década de 70, não me acostumo com elas, e sempre me pegam desprevenido. Segue, pois, a amostra, com alguns comentários meus em vermelho. - O. de C.

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

Felipe Coelho

Enquanto meu professor, Orlando Fedeli, não comenta o último protesto do Sr. Olavo de Carvalho contra a denúncia de sua gnose, eu, Felipe Coelho, Católico, ex-aluno deste último, comentarei brevemente alguns pontos de sua tentativa de resposta, entitulada "Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli".

O texto do Prof. Orlando Fedeli, como o próprio título indica, não trata apenas do Sr. Olavo de Carvalho, mas também de René Guénon, de modo que o Sr. Olavo não deveria ter ficado tão lisonjeado com sua extensão. O que o Prof. Fedeli de fato fez foi aproveitar a deixa para dar uma mini-aula de gnose, a partir dos "quatro itens da gnose" do "Aviso 2" do Sr. Olavo, com o objetivo principal de esclarecimento dos alunos deste que porventura sejam ou possam vir a ser Católicos.

A incapacidade de distinguir sentido reto e oblíquo é característica do leitor enlouquecido pelo ódio e pelo medo. A lisonja a que me referi foi dita *cum grano salis*, mas a sutileza escapou tanto a Fedeli quanto ao fedelho.

Acrescente-se ainda uma citação do próprio Sr. Olavo de Carvalho corroborando este procedimento: "Não discuti com eles em meu livro nem vou fazê-lo agora, porque vigarice (intelectual ou qualquer outra) é coisa que não se discute: vigarice se denuncia, e pronto" (Olavo de Carvalho, "Por uma Esquerda Melhorzinha", in *O Imbecil Coletivo*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Faculdade da Cidade, p. 390). Foi o que fez o Prof. Fedeli: desafiado, denunciou e provou a gnose de Guénon e Carvalho.

Chegamos assim ao cerne da questão: afinal, do que o Sr. Olavo de Carvalho está sendo acusado? É óbvio que não é de ser um seguidor das doutrinas de Valentino, Basílides, do gnosticismo dos primeiros séculos.

Há aí duas definições da Gnose. Uma, a do gnosticismo dos primeiros séculos, corresponde a um fenômeno histórico definido e a uma heresia condenada pela Igreja. A outra, a de uma Gnose em sentido amplíssimo que abrange praticamente todas as expressões espirituais e religiosas não cristãs (e mesmo as cristãs que apresentem algum parentesco mesmo remoto com elas), é um conceito interpretativo possível, mas a Igreja nem subscreve esse conceito nem emitiu jamais qualquer decreto que condenasse como herética a entidade hipotética aí definida. Logo, sou acusado de que?

(Um terceiro conceito possível de gnose é o de Voegelin. O gnosticismo ou gnose, aí, corresponde a um fenômeno histórico contínuo, especificamente ocidental, cuja evolução se estende desde o gnosticismo dos primeiros séculos até as ideologias totalitárias do século XX. Este conceito, que me parece o único razoável, obviamente exclui do âmbito da gnose-heresia as tradições orientais que o sr. Fedeli nela inclui.)

O próprio estudo do Prof. Fedeli mostra a gnose presente no sufismo, na cabala, no hinduísmo, e em vários autores de diversas origens apontados pelo Sr. Olavo como grandes homens espirituais, ficando claro portanto que a acusação não é de pregar a heresia cristã dos primeiros séculos.

Sempre a confusão entre a “presença” de elementos soltos e a identidade da forma total.

A insistência do Sr. Olavo neste ponto tão evidente é no mínimo estranha. É óbvio também que não se trata de "gnose" como mero sinônimo de "conhecimento", pois neste caso não haveria razão para se utilizar o primeiro termo em vez do segundo.

Falsificação do sentido de minhas palavras. Uso em geral *gnose* para designar o conhecimento especificamente *espiritual* e não como sinônimo de conhecimento *em geral*; e *gnosticismo* para designar o fenômeno apontado na definição de Voegelin. Quando quero me referir ao gnosticismo dos primeiros séculos, uso mais freqüentemente “heresia gnóstica”. Se o sr. Fedeli e seu fiel escudeiro consentissem em interpretar meus termos no sentido que estes têm nos meus textos, e não naqueles que sua própria imaginação projeta sobre eles, tudo ficaria mais claro. Mas isso não serve para quem só pretenda jogar lama na água e tirar proveito da confusão.

A gnose de que o Sr. Olavo de Carvalho é acusado é uma modalidade de conhecimento específica: trata-se da doutrina herética do conhecimento direto e unitivo de Deus pelo homem - ou melhor, por aquilo que haveria de divino no interior do homem -, realizado por meio de uma intuição que eliminaria a distinção entre sujeito cognoscente e objeto conhecido - entre o homem, o mundo e Deus -, pois no fundo só Deus existe, e tudo que há de individual é ilusório.

É absurdo o Sr. Olavo querer dizer que Santa Teresa tinha este tipo de conhecimento de Deus quando lhe aparecia Nosso Senhor. É claro que, ao vê-Lo, ela permanecia Teresa, e Ele, Jesus.

Ora, se citei o exemplo da visão de Sta. Teresa é porque é precisamente *esse* tipo de conhecimento que tenho em vista ao falar de *gnose*, e não algum outro tipo de “conhecimento unitivo” hiperbólico e, a rigor, autocontraditório, que não sei onde esse moleque pode ter encontrado nos meus escritos (a não ser que ele confunda o tipo de conhecimento a que me refiro em meus estudos de gnoseologia -- como por exemplo “Ser e Conhecer” -- com o conhecimento de Deus! Mas isto já seria loucura demais.) Na verdade, essa noção hipertrófica de conhecimento unitivo não se encontra nem mesmo na linha mestra do sufismo, a de Mohieddin Ibn Arabi, metafísico “da unidade absoluta” que, no entanto, proclama claramente que no ápice de todo conhecimento unitivo *subsiste a dualidade do fiel e de seu Senhor, unidos tão somente pelo vínculo do amor*. Exatamente como na visão de Sta. Teresa. Se essa visão é chamada “unitiva”, é no preciso sentido em que aqueles que se unem pelo amor são um só embora permaneçam existencialmente distintos. Tal é o motivo pelo qual, aliás, Teresa nesse instante diz a Jesus (não lembro se são precisamente as palavras textuais): “Tu és Aquele que é – eu sou aquela que não é” – declaração que afirma, ao mesmo tempo e inseparavalmente (“dialeticamente”, para horror do sr. Fedeli), a dualidade de criatura e Criador e a nulidade da criatura ante o Criador. Não há rigorosamente diferença nenhuma entre essa perspectiva e a de Ibn ‘Arabi, embora haja muita entre ambas e uma perspectiva gnóstico-herética (real ou suposta) na qual a “unidade” fosse interpretada como “identidade”.

Mas, como o Coelhinho só conhece do sufismo o que lhe diz o sr. Fedeli, é possível que ele imagine que o sufismo é outra coisa.

(Num outro documento, o sr. Fedeli, querendo por toda lei lançar a pecha de herético sobre o esoterismo islâmico, reduz este ao ismaelismo, que é apenas uma seita dentro de uma seita (isto é, do shi'ismo) e nada tem a ver com as ordens sufis tradicionais, que o condenam explicitamente. Mas isto é assunto para outra ocasião.)

Quanto ao demônio, conhece apenas a *existência* de Deus, não sua *essência*, e como se viu acima é justamente a essência de Deus que os gnósticos pretendem conhecer.

Curioso. Então por que no sufismo o *hadith* do Profeta, "Meditai as qualidades, jamais a essência", é considerado uma regra áurea da prática espiritual? (Por "qualidades", entendem-se os 99 nomes de atributos de *Allah* que constam no Corão.)

Quanto à salvação, o Sr. Olavo de Carvalho disse recentemente: "Isso não quer dizer que o Papa esteja errado ao afirmar que o cristianismo é a única via de salvação. Como poderia estar errado, se o conceito mesmo de 'via de salvação' não se aplica ao Islã ou ao judaísmo?" (Olavo de Carvalho, "Mensagem de Natal", *O Globo*, 23.12.2001). Das duas uma: ou o Sr. Olavo aqui admite que, não sendo vias de salvação, o maometismo e o judaísmo levam ao inferno, e neste caso seria Católico; ou então, como é evidente, o Sr. Olavo adere a uma escatologia não-Católica e gnóstica, e defende também a doutrina de que nem todos precisam ser salvos, que a salvação não exige uma fé determinada e certa, pois bastaria o conhecimento. E isso é gnose.

Non sequitur: "se" não são vias de salvação, "portanto" levam ao inferno. Esse menino é mesmo um traslado fiel da lógica fedélica.

Aliás, Frithjof Schuon, que até muito recentemente o Sr. Olavo de Carvalho considerava "homem espiritual de primeiro plano e formulador do único método válido já concebido para a comparação e aproximação das religiões" (in *O Jardim das Aflições*, 2ª ed., É Realizações, São Paulo, 2000, p. 308),

(considero ainda, mas, ao contrário de Fedelis e Felipes, compreendo a distinção entre respeitar um homem espiritual e ser seu discípulo)

trata a fé exatamente como o Sr. Olavo, como caminho para a gnose: "A Fé não poderá opor-se ao Conhecimento [de Deus, ou seja, a gnose] da qual é, ao contrário, como vimos, um modo iniciático..." (Frithjof Schuon, *Da Unidade Transcendente das Religiões*, Trad. Fernando Guedes Galvão, Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1953, p. 184).

Completa distorção do sentido do texto de Schuon: "modo iniciático" não quer de maneira alguma dizer "caminho para a Gnose", no sentido em que o caminho deve ser abandonado uma vez atingida a meta.

E, sobre a natureza do conhecimento gnóstico, o mesmo autor afirma: "Acrescentamos que no ponto de vista iniciático esta visão [a Visão Beatífica] pode, e deve até, obter-se ainda nesta vida..." (*ibid.*, p. 179). E ainda: "...até existem métodos para obter esta graça que equivale, em suma, a uma 'concretização' da 'visão beatífica'." (*ibid.*, p. 157). (O Sr. Olavo deve lembrar-se de ter lido isto, pois, no parágrafo anterior a este último trecho citado, encontra-se detalhada por Schuon a comparação blasfema entre a Virgem Maria e Maomé que o Sr. Olavo resumiu em seu artigo "Mensagem de Natal", *O Globo*, 23.12.2000). Registre-se ainda que, como tudo isso é condenado pela Igreja Católica, Schuon refere-se a Ela com total desprezo: "A Igreja latina, com seu idealismo sentimental e irrealista..." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, p. 189).

Reconhecer na Igreja o seu elemento de idealismo sentimental e irrealista não é de maneira alguma "referir-se a Ela com total desprezo." Páginas e páginas de apologia da Igreja escritas por Schuon são aí suprimidas pela tesoura deixada nas mãos de um moleque.

Continuando, é notável que o Sr. Olavo de Carvalho confesse aqui não renegar nada do que escreveu antes de 1995, com exceção de seu artigo sobre a "gnose de Princeton". Isto significa que não renega o artigo citado pelo Prof. Fedeli em que apóia as doutrinas defendidas por Guénon em *O Demiurgo* (Cf. Olavo de Carvalho, "O Homem e sua lanterna. René Guénon o Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação", *in* Revista Planeta, nº 107, agosto de 1981, p. 17), doutrinas estas que se enquadram até naqueles seus quatro itens da gnose, feitos para mascarar a sua própria gnose.

Afinal, o Sr. Olavo de Carvalho confessa mais uma vez que é gnóstico. Abaixo vai o texto do Prof. Fedeli, seguido da mais atual confissão do Sr. Olavo de Carvalho, ao comentá-lo (o sublinhado é meu):

"Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a 'Tradição' primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico."

Até aqui o Prof. Orlando Fedeli. A seguir, a nova confissão de gnose de Olavo de Carvalho:

"A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, facílimo de comprovar (cf. Whitall N. Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, Pates Manor, Bedfont, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. <u>Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e essencial do referido núcleo de princípios é um "gnóstico", no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim</u>, e *por isto mesmo* não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios."

Como já se viu, é precisamente da gnose que o Sr. Olavo reconhece defender, e não da heresia dos primeiros séculos, que o Prof. Orlando Fedeli o acusa. Ademais, já foi demonstrado pelo Prof. Fedeli que todos os especialistas no assunto consideram o

gnosticismo (a heresia dos primeiros séculos) uma espécie do gênero gnose (substrato ou núcleo de várias heresias). O argumento do Sr. Olavo para negar este fato e defender a "boa gnose", por meio da alegação de que o gnosticismo seja um "falso conhecimento", é semelhante ao argumento dos comunistas -- que o Sr. Olavo de Carvalho tanto condena, e faz bem de condenar -- ao afirmarem que o "verdadeiro comunismo" permanece bom após as experiências genocidas de Stálin, Lênin, Mao e cia., pois estas seriam "falso comunismo"...

A comparação é simplesmente calhorda. O "bom comunismo" é apenas uma promessa jamais cumprida, ao passo que uma gnose sem qualquer comprometimento com a heresia existe há milênios. Nenhum historiador sério aceitou jamais a tese do sr. Fedeli, que identifica hinduismo, budismo, islamismo, judaísmo etc. como o tronco geral de onde sai a espécie de gnosticismo conhecida nos primeiros séculos da era cristã. O sr. Fedeli é que, partindo da definição geral que os historiadores dão, a manipula e a aplica indevidamente a todas essas religiões, criando um elo hipotético entre elas e a gnose-heresia. Ao apelar à autoridade desses historiadores, o sr. Fedeli nada mais faz do que falsificar o sentido do que eles dizem, como falsifica o sentido dos meus textos.

O Sr. Olavo de Carvalho citou recentemente Hans Jonas como "o mais famoso historiador da gnose", numa breve nota na qual fala em "o rótulo de gnose (no sentido estrito de Hans Jonas)" (Olavo de Carvalho, nota a "A face oculta do mundialismo verde", de Pascal Bernardin, in <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/bernardin2.htm>). Logo, o Sr. Olavo aceita que Hans Jonas usa gnose no sentido estrito, sentido que é condenado pela Doutrina Católica. Veja-se então o que diz Hans Jonas: "Na verdade, houve apenas alguns grupos cujos membros se denominaram expressamente 'gnósticos', 'os que conhecem'; mas já Sto. Irineu, no título de sua obra, usou o nome 'gnose' (com o acréscimo de 'falsamente chamada assim') para abranger todas as seitas que compartilhavam com eles esta ênfase [no conhecimento como meio de obter a salvação ou ele mesmo como forma de salvação] e certas outras características.

1) Quem usa o termo gnose nesse sentido – que Sto. Irineu considera falso – é o sr. Fedeli, não eu. Sinceramente: essa manipulação de significados já passou de todos os limites do tolerável.

2) Que eu reconheça ser Jonas "o mais famoso historiador da gnose" não implica que eu use os termos no sentido que ele lhes dá.

3) De novo: onde foi que defendi o "conhecimento como meio de obter a salvação"?

Se, de um lado, não sou acusado de pregar a heresia dos primeiros séculos e, de outro, nunca preguei o "conhecimento como meio de obter a salvação", então, pergunto de novo: de que raio de coisa afinal me acusam?

Neste sentido podemos falar de escolas, seitas e cultos gnósticos, de escritos e ensinamentos gnósticos, de mitos e especulações gnósticas, e mesmo de uma religião gnóstica em geral. Seguindo o exemplo dos autores antigos que primeiro extenderam o nome [gnose] para além da autocomposição de alguns grupos, não somos obrigados a parar

onde parou seu conhecimento ou interesse polêmico, e podemos tratar o termo como um conceito classificatório, que se aplica onde quer que as propriedades definidoras estejam presentes." (Hans Jonas, *The Gnostic Religion*, 2nd edition, Beacon Press, Boston, 1991, p. 32, sublinhados meus).

Sim, mas uma proprieda de definidora essencial – a tal "salvação pelo conhecimento" – está completamente ausente das minhas supostas "confissões". Quantas vezes será preciso pedir a esses tenazes difamadores que provem esse ponto, que eles mesmos dizem essencial e de cuja demons tração vêm fugindo há mais de 160 páginas?

Não só os especialistas, mas também o já citado Frithjof Schuon, que faz a mesma distinção entre gnose e gnosticismo, admite que o gnosticismo pode ser chamado validamente de gnose -- e da gnose que defende! -- conforme cita-o o Prof. Fedeli em seu trabalho: "Se nós não 'reduzimos' o sentido da palavra [Gnose] a este sincretismo, nós admitimos entretanto que, de toda evidência e por razões históricas, que se chamem de 'gnósticos' também os hereges designados conve ncionalmente por esse termo" (F. Schuon, *Comprendre l'Islam*, Ed. du Seuil, Paris, 1976, p. 137, nota 1; apud Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho,* in <http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>).

Manipulação de frases, de novo. Se Schuon admite que se use o termo gnóstico *também* para designar a heresia dos primeiros séculos cristãos, é óbvio que ele dá ao termo, em geral, outro sentido.

Ao mesmo tempo em que agora tenta se desvencilhar de Schuon, o Sr. Olavo de Carvalho aponta a obra principal de Whittal N. Perry como probante da doutrina herética do núcleo comum das religiões, que seria a "boa gnose". Justo este livro de Perry que o editor da revista guénoniana Symbolos, ao resenhá-lo, diz ser nada menos que "una especie de biblia schuoniana"! (Cf. Federico González, *in* <http://personal5.iddeo.es/jmrio/libfg26.htm>). E ainda acrescenta: "Este libro es tomado como una enciclopedia casi sagrada de sabiduría por los estudiantes schuonianos de habla inglesa. (...) Sin entrar en la vida privada de nadie diremos que el mismo M. Koslow señala a Perry como el colaborador directo de Schuon y a su esposa como íntimamente allegada a su familia, con quien todo lo comparten; por lo que deben ser considerados como sus portavoces autorizados o los asociados más íntimos del suizo; incluso viven en casas vecinas." Aí está: Perry é porta-voz de Schuon, e o trabalho citado pelo Sr. Olavo como evidência para seu "ecumenismo radical" é nada menos que uma "bíblia schuônica". Além disso, o próprio nome da editora do livro de Perry, Perennial Books, é significativo e mostra sua ligação com a seita "perenialista" de Schuon. Acrescente-se ainda que o mesmo Perry afirma que este seu livro foi inspirado no desejo de Ananda Coomaraswamy, amigo de Guénon, de um dia ter uma suma do pensamento gnóstico, obviamente para se contrapor à Suma Teológica, de S. Tomás, pilar da Igreja Católica.

Característica aplicação do método fedélico: mil e tantas páginas de fatos concordantes reunidos no livro de Perry são impugnadas, num estalar de dedos, por meio de fofoquinhas sobre as ligações de família do autor! Mais ainda, o menino aí se revela um bom aprendiz do fabricante de "confissões" que lhe serve de guru. No texto referido, Perry não diz nada

do que Felipe Coelho o faz dizer. Ele nem fala em “suma do pensamento gnóstico” nem manifesta qualquer intenção, muito menos uma intenção “óbvia”, de “se contrapor à *Suma Teológica* de S. Tomás”, da qual, bem ao contrário, vários textos são incluídos na coletânea.

Finalmente, o Sr. Olavo cita dois pretensos erros do Prof. Fedeli, que supostamente trocaria o sujeito de suas frases. Vejamos. No primeiro caso, Olavo afirma: "Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele 'cortou seu próprio pescoço' - e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço". Ora, em seu "Aviso 1" Olavo dissera: "Por enquanto, não há mal em que o sr. Fedeli vá curtindo sua ilusão de ser um novo S. Jerônimo, de ter cortado a língua a um infiel (sic). Logo ele verá que cortou mais é seu próprio pescoço". E isso não é uma ameaça? Se eu digo a alguém: "Você, ao me acusar, assinou sua própria sentença de morte", não o estou ameaçando? Por favor.

Nova manipulação, agora do sentido de uma figura de linguagem. O fato é que escrevo para pessoas que têm sensibilidade para as nuances de estilo, mas sempre me arrisco a ser lido por um Felipe Coelho qualquer, cuja cultura literária é a de quem escreve “entitular” em vez de “intitular” e “extenderam” em vez de “estenderam”. Duas metáforas em contraponto, sobretudo se compostas de termos que designam um mesmo tipo de objetos e reforçadas por uma alusão literária, são obviamente complementares e têm de ser compreendidas uma em função da outra. À expressão de Léon Bloy, “cortar a língua”, fazem *pendant*, quase na mesma linha, as minhas palavras “cortar o pescoço”. É evidente que, se a primeira dessas expressões não promete nenhum dano físico, mas apenas desprover o adversário de sua força de agressão retórica, no mesmo sentido, *mutatis mutandis*, deve ser interpretada a segunda. Mais enfaticamente ainda, a expressão não anuncia que *eu* vá cortar o pescoço do sr. Fedeli, mas que este vai cortar seu próprio pescoço, o que, no contexto, quer dizer obviamente que vai fazer um suicídio argumentativo. Que se trata de uma alusão literária é coisa que se torna mais patente ainda pelo fato de que as mesmas palavras de Bloy já foram citadas como epígrafe de meu livro *O Imbecil Coletivo*. Para interpretar isso como ameaça de agressão física, mediante uma comparação descabida com uma sentença imaginária, é preciso uma dose extraordinária de má-fé, aliada à ignorância presunçosa e ao fanatismo cego – ou seja, tudo aquilo que esse menino aprendeu na escolinha do sr. Fedeli.

Nesses detalhes de interpretação é que se revela melhor o tipo de olhar – malicioso, perverso e delirante – com que essa gente lê os meus escritos.

Em contrapartida (veja-se o depoimento anexo de Amilcar Nadu), como haverá o garotinho de interpretar a ameaça fedélica de me “dar um pau”, proferida oralmente e sem nenhuma alusão literária possível? Alegará que ela é “apenas um modo de dizer”, enquanto um elaborado jogo de metáforas deve ser interpretado segundo um literalismo grosso, malicioso e redutor?

E veja-se que o Sr. Olavo, em seu "Aviso 2", diz ainda que a denúncia do Prof. Fedeli "não habilita o sr. Fedeli a receber outra resposta senão uma que o Código Penal me proíbe: um tapa na cara". Para piorar, o segundo "erro" consegue ser ainda mais tolo, pois o Sr. Olavo afirma: "Digo que seus alunos estão assustados e perplexos - e ele entende que o estou

acusando, a ele, de assustar *os meus* alunos". Reparem bem que foi exatamente isso que o Sr. Olavo disse em seu "Aviso 3" (os negritos e o sublinhado são meus): "Respondi às suas acusações, de fato, não por mérito delas ou de seu autor, mas apenas em atenção a **dois ou três garotos que, sendo alunos dele, também são meus**, e que enquanto o forem terão o direito de obter de mim, na medida em que eu possa dá-las, as explicações necessárias a **tirá-los do estado de perplexidade e confusão em que tipos como o sr. Fedeli os jogam para dominá-los**."

Novamente, distorção do sentido das minhas palavras, para produzir uma contradição que não existe. Não foi enquanto *meus* alunos que esses meninos puderam ser assustados pelo sr. Fedeli, e sim, obviamente, enquanto alunos *dele*. Aliás o próprio Felipe – o mais perplexo e assustadinho de todos, tão cioso de salvar sua alminha que por ela não hesita em jogar ao lixo as mais patentes verdades – já nem era mais meu aluno, mas, por polidez, fiz questão de tratá-lo como se ainda o fosse.

De qualquer forma, isto é uma questão de pouca importância; fundamental é que ficou provado que o Sr. Olavo de Carvalho não é Católico, nem judeu, nem muçulmano. É gnóstico.

Diante da qualidade de seus argumentos, não surpreende que o Sr. Olavo encha sua "defesa" de "adjetivos" ao Prof. Orlando Fedeli. A mim, quanto mais o Sr. Olavo de Carvalho desce o nível da discussão, mais lamento ter sido um dia seu aluno.

In Iesu et Maria,

Felipe Coelho.